



ziguezague

Vogue Hommes (parte 01). Fotografia, 2002.
Detalhe de um trabalho da artista
plástica italiana Vanessa Beecroft.
Exposição ocorrida entre 16 de outubro
e 22 de novembro de 2004, na Urban Gallery,
em Erlangen, Alemanha. Disponível em:
<http://www.staedtische-galerie-erlangen.de/>

[CRISTIANE MESQUITA]

Doutoranda em Psicologia pelo Núcleo de Subjetividades Contemporâneas da PUC-SP. Atua como pesquisadora, professora, jornalista e consultora de projetos criativos e acadêmicos. É autora de *Moda contemporânea: quatro ou cinco conexões possíveis* (São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004).

E-mail: kekei@comum.com

Moda e Arte

Convergências, trânsitos e contágios: os subtítulos que se seguem explicitam os movimentos que fazem deste texto a primeira angulação do ziguezague na *dObra[s]*. Convidado a comentar desfiles que se apropriaram de formatos e linguagens de instalações e performances^[1], Motta elucida conceitos do campo das artes, ao mesmo tempo em que nos brinda com idéias instigantes e provocativas, muito bem-vindas para se pensar de modo nada simplista algumas relações entre arte e moda. É refletindo sobre graus de reciprocidade – sem perder de vista os riscos da esterilidade de algumas apropriações – que o autor enfatiza criticamente algumas potencialidades da moda como “produtora de sentidos”, ressaltando sua abertura para contágios, desvios e diálogos, capazes – algumas vezes – da constituição de um campo “outro”, um campo entre. Relembro, portanto, o convite aos leitores desta coluna para seguir rotas de fuga e adentrar entres. Nesta edição, seguindo o sensível ziguezague de Eduardo Motta.

Que as exposições da Moda sofreram influência das formas de apresentação da Arte contemporânea é inegável. Um breve estudo desse fenômeno, e de suas conseqüências, é o foco deste artigo, que considera a noção de mercado, dividido entre produtores e consumidores, ampliada para a percepção de Moda como um regime de comunicação e criação.

Convergências

Libertas da tradição por Marcel Duchamp, no começo do século XX, as Artes Visuais avançaram com apetite sobre outros territórios, expandindo seus limites e possibilidades. Em um curto período de tempo, sucessivos movimentos decretaram o fim de categorias clássicas e respeitáveis, como a pintura e a escultura, e tomaram posse efetiva de repertórios da ciência, da psicanálise, e também de outras formas de Arte, como o teatro e o cinema. Mas, na mesma proporção em que ocupava outras áreas, a Arte também foi contaminada por elas, alterando as configurações que lhe davam um determinado corpo e sentido. Com os flancos expostos, mesclada a outras formas de expressão e pondo seus códigos em dúvida, ela passou a cortar a própria carne, tangenciando limites que a deixaram em alguns momentos à beira da dissolução, modificando seu papel no contexto cultural e renovando seus formatos.

A instalação e a performance são frutos típicos desse processo: modalidades de expressão alinhadas com a idéia de ultrapassar os limites do museu e da galeria para se plantar no terreno da vida, envolver o espectador e romper as barreiras entre ele e a obra. Elas são expansões do campo da Arte marcadas pela perda de status da técnica e do objeto em favor da idéia.

Instalação é ocupação ou construção de um espaço, que se utiliza de meios variados para constituir experiências que mobilizem o máximo dos sentidos. Performance é ação, incorpora elementos do teatro, está visceralmente ligada ao corpo e ao movimento, pode prescindir de objetos e esgotar-se ao fim de uma apresentação. Não há regras que determinem quais recursos deveriam ser ou não utilizados em ambas, que compartilham o objetivo de colocar o espectador no centro da experiência artística.

Muitas das práticas envolvidas na instalação e na performance, entre tantas outras surgidas no terreno da Arte, vazaram para dentro do sistema de exibição do vestuário, atribuindo maior responsabilidade à ambientação, à dramatização e às mídias complementares.

O desfile, por exemplo, assumiu em maior grau a responsabilidade de comunicar estilos de vida e fixar a identidade da marca, minimizando a apresentação da roupa e valorizando a percepção de seus sentidos simbólicos. Além disso, adquiriu condições para ambicionar a qualidade de evento autônomo, potencialmente artístico e descolado de funções objetivas.

Enquanto a Moda se limitava apenas a incorporar novos recursos de apresentação, a Arte não colocava suas estruturas em xeque. Mas a proximidade constante com a instabilidade experimental do terreno da Arte contemporânea trouxe para dentro de seu sistema questões até então inexistentes, abrindo espaço para se discutir os sentidos dos objetos e para validar experimentos com a impermanência técnica, que andam na contramão da lógica produtiva, que dá sustentação à Moda.

Trânsitos

Apesar das facetas comerciais que assume, e não são poucas, a Arte atual opera minando os próprios meios e convicções. É avessa à sedimentação de recursos técnicos e de linguagem, e reinventa-os sistematicamente como condição para se manter permeável e independente.

A Moda também assume formas diferentes para atender os ciclos sazonais, mas seu comprometimento com os mecanismos de mercado exige a estratificação do maior número possível de procedimentos e de valores, preservados sob o jogo das aparências, e conta com a manutenção de um significativo coeficiente deles para sua sobrevivência material.

No trânsito entre as duas áreas, é mais freqüente que a Moda tome emprestado os muitos recursos de linguagem nascidos no contexto experimental da Arte, como as instalações e as performances, citadas anteriormente, que ela incorpora para potencializar suas verdades temporárias.

Trata-se de um relacionamento assimétrico. Não é de hoje que a irrupção da Arte no terreno da Moda é um grande acontecimento, e a mera referência a determinado artista ou obra, ou apenas a adoção de uma modalidade artística como veículo, funciona como um apressado atestado de qualidade para uma coleção.

No sentido inverso, não se contabilizam com o mesmo entusiasmo as contribuições da Moda para o universo da Arte. Mesmo quando acusamos as correlações da Moda com a evolução dos estilos históricos, e ainda que, inegavelmente, existam

determinados designers de roupas cujas poéticas contribuíram ou contribuem para uma sensibilidade artística geral, a desconfiância da Arte em relação à Moda persiste.

A Moda toma para si idéias geradas nas experimentações artísticas, e faz isso com extrema naturalidade, transformando-as em repertório próprio. O lado positivo é que isso faz dela uma diluidora exemplar de linguagens que de outra forma permaneceriam restritas a seu contexto original. Os agentes do sistema da Moda, porém, nem sempre parecem compreender exatamente com o que lidam, contentando-se em manipular apenas a parte que lhes interessa. Ao reduzir os mecanismos de investigação da Arte a acessórios úteis e a serviço de um sistema comercial, reforçam a idéia de má-fé e de superficialidade que circunda a Moda, por isso mesmo julgada e avaliada como forma de expressão cultural secundária. O que é justo só até certo ponto, considerando que, em um mundo que valoriza os trânsitos ilimitados e que evolui através deles, os elementos apropriados devem ser legitimados em seu novo campo. A Moda parece ser o mais receptivo deles, justamente pela maleabilidade dos critérios de adoção de novos procedimentos, pela rapidez com que os assimila e elimina, e fundamentalmente, pelo pragmatismo utilitário com que os simplifica, tornando-os manipuláveis e palatáveis para entendimento e uso genéricos.

É verdadeiro que essas apropriações não determinam algum tipo de qualidade. Mas, se não tratamos de uma crítica de resultados, e sim de um reconhecimento de processos, e aceitamos que novos formatos de expressão e perspectivas de pensamento devem correr livremente para o domínio público, é preciso admitir que a Moda tem cumprido bem esse papel e levado à risca a idéia de interdisciplinaridade.

Contágios

Se há mais de um século a Arte admite a existência de obras que prescindem da materialidade para privilegiar processos e idéias, é o objeto pronto, e com função determinada, que dá sentido à Moda e de certa forma a limita e a distancia do universo intangível dos valores da Arte. Os trânsitos entre estas duas áreas ficam portanto condicionados à observação dessas diferenças. Mas, continuamente expostas uma à outra, elas não escapam intactas desse contágio.

A Moda, que também é produtora de sentidos, articula-se como um sistema de linguagem; no entanto, a sustentação teórica de estratégias comerciais, apoiadas no apelo de constituição de identidades através da roupa, tem sido uma das aplicabilidades mais notórias decorrentes dessa capacidade. E isso, convenhamos, pode gerar lucros, mas é pouco para uma atividade que reivindica mais respeito do que o que recebe.

Felizmente, paralelos ao sistema de mercado, surgem espaços de recepção e divulgação de valores abstratos gerados no terreno da Moda, que preservam e veiculam manifestações que não são apenas adicionais de venda para formas preexistentes (ainda que possam exercer influência sobre elas), nem apenas material de estudo, mas que se apresentam como manifestações culturais de Moda, imateriais, porém relevantes para o sistema de mercado. É o caso de determinada linha de imagens veiculadas em editoriais de Moda em revistas de cultura contemporânea, que reforçam sua independência em relação ao sistema de marcas, distanciam-se do produto e operam como possíveis matrizes estéticas para novas configurações de gosto, sustentando-se por si só. Como pode acontecer com uma imagem na Arte, mas, como se referem ao universo da Moda e não se limitam a nenhum dos dois campos, constituem outro.

Poderíamos então falar efetivamente em um campo expandido para a Moda. Utópico? Mas que sistema criativo não se alimenta de utopias?

[EDUARDO MOTTA]

Artista plástico, estudou na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Editor de Moda do Sistema Usefashion de Informações. Designer e pesquisador, com experiência na identificação e formulação de macro-tendências. Autor e editor do livro *O calçado e a moda no Brasil – um olhar histórico*, realização da Assintecal, 2005.

E-mail: mottaeduardo@uol.com.br

[1] A conversa "Moda, arte, consumo, cotidiano" integrou a mostra *Desfiles incríveis* no dia 15/06/2007, no Auditório do MAM, dentro da programação da 2ª edição do evento *zigzague* (realização MAM e Senac São Paulo). Os desfiles apresentados foram Alessa – *Um dia em casa* (Verão 2006) e Gustavo Silvestre – *Hotel Renaissance* (Verão 2007), comentados por Ana Lúcia de Castro e Eduardo Motta, com mediação de Fernando Marques Penteado.

BIBLIOGRAFIA

CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea – uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CRANE, Diana. *A moda e seu papel social – classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo: Senac, 2006.

DAVID, Márcia. MODA ou moda? *Usefashion Journal*, nº 39, abril de 2007.

GARCIA, Carol; MIRANDA, Ana Paula. *Moda é comunicação – experiências, memórias, vínculos*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2007.

LUCIE-SMITH, Edward. *Os movimentos artísticos a partir de 1945*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.